



Artigo

Biblioterapia em Tempos de Crise Climática: Propostas do Uso da Literatura Infantil como Forma de Acolhimento Pós-enchentes do Rio Grande do Sul

Luana Daniela Ciecelski

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)
luanac@mx2.unisc.br | ORCID:0000-0002-4353-7460

Jaimeson Machado Garcia

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)
jaimesonmachadogarcia@gmail.com | ORCID: 0000-0002-3398-
6828

Resumo

As enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, em 2024 evidenciaram não apenas a vulnerabilidade das infraestruturas urbanas e sociais, mas também a fragilidade emocional de milhares de crianças afetadas pelo colapso climático. Neste artigo, investigamos o papel da biblioterapia como estratégia de escuta, acolhimento e elaboração simbólica do trauma infantil em contextos de desastres ambientais. A partir da análise de cinco obras infantis produzidas durante e após o período das enchentes — e que obtiveram alguma forma de



visibilidade mediática —, discutimos como a literatura pode funcionar como ponte entre a dor e a palavra, entre o vivido e o narrado. O estudo ancora-se em referenciais teóricos de Petit (2009a, 2009b), Caldin (2001, 2009, 2024), Ouaknin (1996) e Sousa (2021), articulando os conceitos de leitura mediada, catarse, identificação e introspecção. Com base nas obras mapeadas, propomos atividades biblioterapêuticas voltadas à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, fundamentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As propostas visam transformar o espaço escolar em território de escuta, cuidado e resiliência, fortalecendo a literatura como ferramenta de reconstrução subjetiva em tempos de crise. Diante da intensificação dos eventos climáticos extremos, defende-se a necessidade de integrar práticas sensíveis ao sofrimento infantil no cotidiano pedagógico.

Palavras-chave: Biblioterapia; Literatura infantil; Educação emocional; Propostas de atividades; BNCC.

Abstract

The floods that struck the state of Rio Grande do Sul in 2024 exposed not only the fragility of urban and social infrastructures, but also the emotional vulnerability of thousands of children affected by climate collapse. This article investigates the role of bibliotherapy as a strategy of listening, care, and symbolic elaboration of childhood trauma in the context of environmental disasters. Based on the analysis of five children's books produced during and after the flood period — and which received some degree of media visibility — we discuss how literature can serve as a bridge between pain and language, between experience and narrative. The study is grounded in the theoretical frameworks of Petit (2009a, 2009b), Caldin (2001, 2009, 2024), and Ouaknin (1996), articulating the concepts of mediated reading, catharsis, identification, and introspection. From the selected works, we propose bibliotherapeutic activities aimed at Early Childhood Education and the early years of Elementary School, aligned with the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). These proposals seek to transform the school environment into a space of listening, care, and resilience, reinforcing literature as a tool for subjective reconstruction in times of crisis. Given the intensification of extreme climate events, we advocate for the integration of sensitive practices addressing childhood suffering into everyday pedagogy.

Keywords: Bibliotherapy; Children's literature; Emotional education; Activity proposals; BNCC.



Introdução

Entre os meses de abril e maio de 2024, o Rio Grande do Sul, um dos três estados que integram a região sul do Brasil, enfrentou uma das maiores catástrofes climáticas de sua história recente, que desestabilizou não apenas estruturas físicas e logísticas, mas também afetivas e simbólicas. As chuvas, intensas e contínuas, provocaram o transbordamento de rios e lagos, destruindo pontes, casas, estradas e escolas, além de transformarem bairros ou mesmo cidades inteiras em um cenário apocalíptico. Dos 496 municípios do estado, 478 foram afetados, ou seja, 95% deles (Defesa Civil do Estado do Rio Grande do Sul, 2025). Ao longo de semanas, o cotidiano de milhões de gaúchos foi abruptamente interrompido por sirenes, alertas de evacuação, falta de energia, perdas materiais irreparáveis e um medo difuso que se infiltrou nas frestas da vida comum.

Para os adultos, mesmo diante da dor e do colapso, havia ao menos a tentativa de compreender o que estava acontecendo, de articular uma resposta, de lidar com os trâmites burocráticos, as perdas financeiras, os abrigos improvisados e a necessidade imediata de reconstrução. Mas para as crianças, cujo mundo é organizado por gestos mínimos e rotinas previsíveis, como acordar para ir à escola, brincar no pátio, tomar banho, jantar e ouvir uma história antes de dormir, a enchente significou a ruptura abrupta e inexplicável de tudo aquilo que lhes conferia segurança, estabilidade e sentido. Diferentemente dos adultos, que recorrem à linguagem, ao cálculo, à lógica ou ao planejamento, a criança, ainda em formação simbólica, sente a perda de forma bruta e total, mesmo quando não sabe nomeá-la, mesmo quando não entende por que os brinquedos foram levados pela correnteza ou por que a escola está fechada por tempo indeterminado.

Como observam Loganovsky e Loganovskaja (2019), em estudos realizados após o desastre nuclear de Chernobyl, crianças pequenas são especialmente vulneráveis em contextos de crise porque, além de possuírem uma menor capacidade de enfrentamento racional dos eventos, absorvem de forma intensa as reações emocionais de seus pais ou cuidadores. Isso significa que o sofrimento infantil não decorre apenas da experiência direta da perda, como ver



a casa ser invadida pela água ou precisar deixar tudo para trás, mas é ampliado e moldado pelas atitudes, silêncios, colapsos e tentativas de recomposição dos adultos à sua volta.

O que se compreende a partir disso é que a infância é, por definição, um estado de extrema permeabilidade emocional: a criança sente antes de compreender, capta antes de interpretar, e sofre, inclusive, por aquilo que ainda não consegue traduzir em palavras. Por isso, uma catástrofe como a enchente de 2024 no Rio Grande do Sul não pode ser tratada apenas como uma catástrofe natural que desorganizou a rotina ou destruiu bens materiais. Ela também precisa ser compreendida como um trauma coletivo com múltiplas camadas, cujos efeitos se espalham no tempo e exigem respostas muito além da reconstrução de muros e telhados.

Nesse contexto, a literatura infantil emerge como um recurso potente de mediação simbólica, não porque oferece explicações lógicas ou soluções práticas, mas porque abre um espaço seguro para que a criança possa reencontrar, por meio da ficção, aquilo que perdeu na realidade. Histórias com personagens que enfrentam a força das águas, que vivenciam o medo, que perdem e reencontram, que choram e se fortalecem, são capazes de funcionar como metáforas compartilháveis por meio das quais a criança pode reconhecer suas emoções, reorganizar suas narrativas internas e elaborar, aos poucos, o trauma vivido.

É nesse horizonte que se insere a prática da biblioterapia, compreendida aqui não como técnica terapêutica restrita ao espaço clínico, mas como uma forma expandida de mediação sensível entre o livro, a criança e o mundo: uma prática que reconhece o tempo da infância, respeita a sua linguagem e oferece à subjetividade em formação um território seguro onde sentir e pensar podem coexistir. Ao criar espaços simbólicos de escuta e expressão, a biblioterapia possibilita evitar a cristalização de traumas, já que oferece à criança a chance de reintegrar a experiência da perda por meio da palavra, da metáfora e da imaginação.

Diante de um mundo partido pela enchente, o livro se torna, então, uma ponte entre o medo e o sentido, entre o silêncio e a possibilidade de dizer. Em razão disso, o presente estudo emerge com o objetivo de propor atividades de biblioterapia voltadas à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da análise de livros infantis produzidos durante e após as enchentes de 2024 do Rio Grande do Sul. A partir do levantamento e da sistematização



de algumas dessas publicações, esta pesquisa busca articular teoria e prática, identificando em tais narrativas infantis os potenciais pedagógicos e terapêuticos que podem ser mobilizados por educadores e mediadores de leitura, em diálogo com os princípios da biblioterapia e com as competências previstas pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), o documento normativo instruído pelo Ministério da Educação (MEC) que define os aspectos essenciais que todos os alunos da Educação Básica brasileira têm o direito de desenvolver ao longo do período escolar.

É necessário enfatizar, de antemão, que esta pesquisa busca dialogar diretamente com o contexto escolar brasileiro, no qual professores, bibliotecários e mediadores de leitura recorrem prioritariamente a materiais em português. Diante disso, parte-se da compreensão de que a apropriação crítica das práticas de biblioterapia só se efetiva quando articulada à realidade linguística e cultural em que será aplicada. Mais do que uma limitação, esse recorte constitui um posicionamento metodológico: reconhecer que, embora a biblioterapia seja uma prática de alcance internacional, sua efetividade depende de traduções conceituais e de adaptações culturais que façam sentido para os profissionais e estudantes da educação básica no Brasil.

Além disso, as práticas aqui propostas se situam estritamente no âmbito educativo e não possuem caráter clínico-terapêutico. Transferir para professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental a função de lidar diretamente com traumas psíquicos não é apenas metodologicamente inadequado, mas representa também um deslocamento perigoso de responsabilidades: espera-se que a escola compense falhas estruturais do sistema de saúde e de proteção social. No contexto brasileiro, em que a educação básica frequentemente opera em condições precárias, marcada pela carência de recursos, turmas superlotadas, baixa remuneração e ausência de apoio multiprofissional, esse deslocamento revela-se ainda mais grave. Tal sobreposição de papéis, além de inviável pela falta de formação específica dos docentes, pode gerar efeitos perversos, expondo as crianças a intervenções insuficientes e os professores a uma sobrecarga emocional e laboral que ultrapassa suas atribuições profissionais.

Reconhecemos, portanto, que a mediação literária e a biblioterapia pedagógica podem favorecer a expressão simbólica e a criação de vínculos de cuidado, mas jamais podem ser confundidas com práticas clínicas ou terapêuticas. Ignorar essa distinção significa reforçar a



lógica de que a escola deve responder sozinha às múltiplas crises sociais e ambientais, o que apenas amplia sua vulnerabilidade institucional. Dessa forma, mesmo ao dialogar com competências socioemocionais previstas pela BNCC, reafirma-se que o cuidado diante de traumas intensos exige ações intersetoriais e políticas públicas consistentes, sem as quais qualquer esforço pedagógico corre o risco de se tornar paliativo, insuficiente ou até contraproducente.

Ainda assim, para compreender por que a leitura é evocada neste contexto como recurso de acolhimento, é necessário recuperar a trajetória histórica da biblioterapia. Isso porque, mesmo que se reconheça a impossibilidade de transferir à escola responsabilidades próprias da clínica, permanece o fato de que, ao longo dos séculos, a prática da leitura foi recorrentemente associada a processos de cuidado, cura e reconstrução subjetiva. A biblioterapia não surge, portanto, como uma invenção pontual diante da crise climática, mas como herdeira de uma tradição cultural que atribuiu aos livros um papel de mediação simbólica em momentos de dor e desorganização social. Observar esse percurso histórico permite legitimar a presença da literatura em espaços educativos contemporâneos, não como substituição do trabalho terapêutico especializado, mas como complemento pedagógico capaz de abrir margens de escuta, reflexão e ressignificação.

Biblioterapia: Mediação e Escuta

Ao longo da história, a leitura tem sido vista como uma prática benéfica e até terapêutica em diversas culturas. No Egito Antigo, conforme Ribeiro (2006), bibliotecas eram chamadas de “Casas de Vida” e consideradas locais sagrados de cura, enquanto gregos e romanos viam a leitura como um meio de promover saúde mental e espiritual, chegando até a recomendá-la como parte de tratamentos médicos. Durante a Idade Média, essa tradição persistiu em bibliotecas monásticas e hospitais do Oriente, onde a leitura de textos sagrados era usada como recurso terapêutico. No século XIX, médicos passaram a defender a leitura como apoio à recuperação de pacientes com transtornos mentais, consolidando a prática em ambientes hospitalares.

No século XX, especialmente durante as Guerras Mundiais, segundo Maria Cristina Valência e Michelle Cristina Magalhães (2015), a leitura foi reconhecida como ferramenta



terapêutica para soldados, dando origem ao termo “biblioterapia”. Desde então, a biblioterapia se firmou como uma prática reconhecida e continua sendo aplicada em hospitais, prisões e outros contextos, sendo estudada até hoje como importante recurso para o bem-estar e a saúde mental. A biblioterapia pode ser definida como uma área interdisciplinar que utiliza a leitura, especialmente de obras literárias, como recurso terapêutico para auxiliar indivíduos a enfrentar diversos desafios emocionais e psicológicos (Ferreira, 2003).

De acordo com os principais estudiosos, como Marc-Alain Ouaknin (1996), a nível internacional, e Clarice Caldin (2009), no Brasil, por meio da leitura, é possível trabalhar sentimentos e estados afetivos, como tristeza, raiva, medo e amor, bem como aspectos mais amplos da psique humana. O termo “biblioterapia” deriva das palavras gregas *biblion* (livro) e *therapeia* (terapia), refletindo a proposta de empregar os livros como aliados na compreensão de questões relacionadas à mente e ao comportamento. Assim, a prática busca promover o autoconhecimento e o desenvolvimento de processos mentais, cognitivos e comportamentais, incluindo pensamento, memória, percepção e aprendizagem.

Mas como se dá, afinal, esse processo da terapia por meio dos livros? Como a literatura e a leitura agem sobre o leitor ao ponto de ter efeitos terapêuticos? A antropóloga francesa, doutora em Letras e Ciências Humanas, Michele Petit (2009a), desenvolve uma reflexão profunda sobre os efeitos terapêuticos da leitura, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, crise e ruptura. Para ela, vivemos em um mundo marcado por transformações aceleradas e brutais, que desestabilizam parâmetros sociais e psíquicos, tornando todos mais vulneráveis e propensos a transtornos como ansiedade e depressão. Nesse cenário, a leitura, e, em especial, a literatura, pode desempenhar um papel fundamental na reconstrução de si mesmo.

Petit (2009a) observa, a partir de experiências em diversos países e contextos, que os livros ajudam a manter a dor ou o medo à distância, transformam a agonia em ideia e permitem reencontrar a alegria, mesmo em ambientes pouco habituados à felicidade. Ela relata que, em situações extremas, como a de jovens colombianos vítimas de violência, a leitura mediada possibilitou que esses adolescentes se reconectassem com suas histórias pessoais, ressignificassem vivências traumáticas e recuperassem a capacidade de narrar a própria vida.



Apesar de não fazer uso da expressão biblioterapia, a autora destaca que a leitura, sobretudo quando mediada, é um espaço de acolhimento, escuta e hospitalidade, onde o leitor pode encontrar sua voz e experimentar novas possibilidades de mundo. Esse processo não é apenas individual, mas também coletivo, pois o compartilhamento de leituras amplia o sentimento de pertencimento e de reconhecimento da própria singularidade.

Petit (2009a) ressalta ainda que a literatura oferece ao leitor uma estrutura simbólica e imaginária que torna o mundo caótico mais habitável e compreensível, ajudando a situar o indivíduo no tempo e no espaço, e promovendo uma atividade de simbolização e elaboração subjetiva. Por meio da leitura, é possível costurar episódios fragmentados da vida, recuperar o sentimento de continuidade de si e fortalecer a autoestima. A autora enfatiza a importância da livre fruição da leitura, sem obrigações ou avaliações, para que o prazer e o entusiasmo pelo livro possam florescer genuinamente. Ela também aponta que a literatura é uma abertura para o outro e para o mundo, promovendo a construção e reconstrução da identidade, a elaboração de experiências e a ampliação do repertório de possibilidades existenciais.

Ao experimentar a leitura, [...], cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, do qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal. (Petit, 2009b, p. 43)

Por fim, Petit (2009b) afirma que a leitura não resolve, sozinha, as desigualdades ou os dramas do mundo, mas pode abrir margens de manobra, criar campos de possibilidades e contribuir para que crianças, jovens e adultos se encaminhem mais pelo pensamento do que pela violência. Ler, para ela, é uma experiência que permite ao leitor decifrar sua própria vida, nomear sentimentos, compartilhar emoções e, assim, tornar-se um pouco mais autor de sua própria história.



Já a pesquisadora brasileira, Clarice Caldin, referência brasileira em biblioterapia, aponta para alguns processos que fazem parte do que ela chama de método biblioterapêutico e que possibilitam a terapia por meio dos livros, e que:

[...] consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são neutras. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação (Caldin, 2001, p. 37).

A aplicação da biblioterapia segue uma metodologia que abrange desde a identificação do problema até o acompanhamento dos resultados e a conclusão do processo, incluindo etapas como a elaboração de um plano de leitura, o diálogo sobre as obras e, quando necessário, a inserção de outras atividades complementares. Considerando que o ser humano é capaz de se envolver profundamente com textos ficcionais e que a leitura vai muito além da simples decodificação de palavras, todas essas abordagens buscam estimular no leitor experiências como a catarse, a identificação e a introspecção (Caldin, 2001, 2009), que são três processos fundamentais para que a biblioterapia aconteça.

Segundo a autora, “[...] a catarse é a justa medida dos sentimentos, pois os produz e modera [...]”, enquanto a identificação “[...] é entendida como um mecanismo psicológico que permite aos sujeitos vivenciarem situações no seu imaginário [...]”, e a introspecção corresponde a “[...] uma percepção interior que permite aos sujeitos a reflexão sobre as suas emoções” (Caldin, 2024, p. 143-144).

A catarse, conforme resgatada a partir de Aristóteles, refere-se, em sua perspectiva, ao efeito purificador e de alívio proporcionado pela literatura ao evocar emoções intensas, permitindo uma renovação moral e espiritual no leitor. Esse processo está profundamente ligado à identificação, pois é ao se reconhecer nos conflitos e sofrimentos das personagens que o leitor projeta e elabora suas próprias tensões, vivenciando a catarse e experimentando alívio e bem-estar, especialmente em momentos de formação identitária, como na infância e juventude. Complementando esse movimento, a introspecção surge quando o leitor, ao identificar-se com aspectos das personagens, reflete sobre si mesmo, promovendo autoconhecimento, aceitação



e possíveis mudanças comportamentais, tornando a experiência mais humanizada e pessoal (Caldin, 2024).

A pesquisadora e mediadora de clubes de leitura Carla Sousa também descreveu o método que ela chamou de “mediação afetuosa da leitura” (Sousa, 2021). Nele, o mediador promove situações de apreciação e escuta sensível, utilizando a literatura como ferramenta para provocar reflexões, sentimentos e pertencimento. Seguindo o pensamento de Caldin (2009), Sousa (2021) aponta que o método vai além da simples decodificação de signos, mas envolve diálogo, troca de olhares, voz suave, escuta amorosa e empatia, criando um vínculo afetivo com os participantes. Sousa (2021) define essa abordagem como essencial para tempos de embotamento afetivo e moral, defendendo a literatura como fonte para o reencontro com a própria humanidade.

A metodologia busca despertar competências humanas ligadas ao afeto e à sensibilidade, promovendo encontros marcantes e transformadores e para isso utiliza-se de textos literários, músicas e dinâmicas variadas que vão ao encontro da leitura, complementando-a, fazendo o leitor mergulhar mais profundamente no texto. As práticas também vão incentivar a participação ativa do leitor, valorizando sua história de vida e experiência pessoal buscando assim transformar experiências leitoras em processos de autoconhecimento, pertencimento e humanidade (Sousa, 2021).

Cabe destacar que práticas como essas podem ser aplicadas e desenvolvidas por professores na escola, sem que eles tenham uma formação específica em biblioterapia. Entende-se que muitas atividades realizadas em sala de aula já adotam uma mediação mais afetuosa, especialmente na Educação Infantil, tendo em vista as orientações da própria BNCC (2018), como, por exemplo, quando ela apresenta como uma competência geral da Educação Básica.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 10)



O que muda nesse caso é a intencionalidade. Desenvolve-se a prática com a intenção de proporcionar uma experiência biblioterapêutica. Isso não significa, porém, que essa prática será terapêutica no sentido adotado pela psicologia ou que o biblioterapeuta/professor deverá adotar a postura de um profissional da psicologia. A expressão terapia é aqui utilizada com um sentido mais amplo, como o apontado por Ouaknin (1996), que está ligado à origem desta palavra: “O grego, depois do hebraico, dá à palavra “terapia” o sentido de uma atitude preventiva e prospectiva. A תרפּוּתָא (terufá) hebraica e a θεραπεΐα grega significam muito mais do que uma cura” (Ouaknin, 1996, p. 12), indo no sentido de alguém que vê e cuida do outro.

Além disso, como recomendam Sousa (2021) e Caldin (2024), durante as práticas de biblioterapia toda e qualquer manifestação deve ser acolhida e o aluno ou participante deve ser protegido, isso inclui o encaminhamento, se necessário, para um profissional especializado que poderá tratar essas emoções e sentimentos de forma adequada. A prática de biblioterapia deve limitar-se, portanto, ao trabalho de mediação literária a fim de estimular a reflexão, o bem-estar, o encontro do aluno consigo mesmo e com seus pensamentos.

Assim, compreende-se que a biblioterapia, enquanto mediação da leitura, pode desempenhar um papel significativo em contextos de crise ambiental ao criar espaços de acolhimento, escuta e reflexão sobre as emoções e desafios que essas situações provocam. Em ambientes escolares, por exemplo, a biblioterapia utiliza textos literários para promover o cuidado socioemocional, ajudando estudantes e educadores a lidarem com sentimentos de ansiedade, medo e incerteza diante das transformações ambientais e seus impactos (Dal Piaz e Pereira, 2023). Ao fomentar a identificação, a introspecção e a catarse por meio da leitura mediada, essa prática contribui para que os indivíduos possam elaborar suas angústias e ressignificar suas experiências, fortalecendo a resiliência emocional e a capacidade de enfrentar crises coletivas.

Além disso, bibliotecas públicas e escolares que atuam como espaços informacionais conscientes do seu papel na educação ambiental podem ampliar a conscientização e o engajamento da comunidade em práticas sustentáveis. A mediação da leitura sobre temas ambientais, aliada a ações educativas e culturais, ajuda a formar cidadãos críticos e participativos, capazes de compreender a complexidade dos problemas socioambientais e de



agir em prol da sustentabilidade (Aguiar & Oliveira, 2022; Cardoso, 2010). Dessa forma, a biblioterapia, ao promover o diálogo e a construção coletiva de sentidos, pode ser uma ferramenta valiosa para enfrentar as crises ambientais, ao mesmo tempo em que fortalece o bem-estar psicológico e social dos indivíduos envolvidos.

As Publicações Durante e Pós-enchente no Rio Grande do Sul

A potência terapêutica e formativa da literatura, proposta pela biblioterapia, pôde ser observada de forma especialmente contundente durante o acontecimento das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, e também nos meses que se seguiram. Ao longo desse período, observou-se uma mobilização espontânea de profissionais na produção de livros infantis voltados ao acolhimento emocional das crianças atingidas. Psicólogos, pedagogos, ilustradores, educadores e mediadores de leitura uniram esforços, muitas vezes de forma voluntária, para criar narrativas que auxiliassem as crianças a lidar com o medo, a perda, o estranhamento e a ruptura de suas rotinas.

A maior parte das obras produzidas nesse contexto nasceu de forma emergencial, movida pela urgência de acolher emocionalmente as crianças afetadas antes mesmo que o trauma se consolidasse. Essas produções dispensaram os trâmites editoriais tradicionais, como registro de ISBN, revisão técnica ou distribuição comercial, justamente porque sua força não residia no acabamento formal, mas na urgência do gesto. Ao priorizar o vínculo afetivo e a resposta rápida à dor, essas obras reafirmam a função social da narrativa como forma de cuidado e reconstrução subjetiva, especialmente para crianças em situação de vulnerabilidade. Portanto, não havia tempo para pensar no mercado, mas havia pressa em nomear o indizível, em transformar o medo em personagem, o luto em história, a água em metáfora.

A partir de um levantamento feito por meio de notícias e reportagens publicadas em portais de notícias, jornais e revistas, entre maio de 2024 e junho de 2025, foi possível localizar cinco obras relacionadas às enchentes e publicadas dentro deste contexto emergencial, conforme mostra o quadro abaixo:

**Quadro 1***Levantamento dos livros infantis sobre as enchentes de 2024 do Rio Grande do Sul*

Título da obra	Autoria e ilustração	Ano de publicação	Características
<i>E a chuva...</i>	Sabrina Führ	Maio de 2024	Produzido de forma emergencial, sem ISBN, disponibilizado gratuitamente em PDF e audiolivro.
<i>Pipo e Lila ajudando as crianças num momento difícil – Quando a chuva passar</i>	Ana Lúcia Castello, Fabiana Brandão, Durvally e Bruna Nicoletti	Maio de 2024	Literatura terapêutica digital, voltada ao uso em sala de aula com alunos da educação infantil e ensino fundamental.
<i>Titi, o Pequeno Quati, e a grande enchente</i>	Jaimeson Machado Garcia e Isabela Jann de Jesus	Dezembro de 2024	Vencedor de concurso literário; distribuído gratuitamente em escolas
<i>Caramelo, o cavalo corajoso e os amigos da enchente</i>	Carmen Regina Teixeira Quadros	2024	Inspirado em história real; criado inicialmente para a neta; vendido pela Amazon por tempo limitado.
<i>Vicente e a Enchente</i>	Mariana Fim de Campos	Maio de 2024	Publicado online de forma gratuita; versão em Libras publicada no canal da UFSCar.

Fonte: autores.

Em entrevistas concedidas, Sabrina Führ, autora de *E a chuva...*, conta que é mãe de dois filhos e fez parte de um grupo de psicólogos que se revezou para atender pessoas que estavam nos abrigos.

O livro foi a forma encontrada por ela de auxiliar as crianças afetadas já que:



[...] nem sempre elas conseguem compreender o que está acontecendo. Me coloquei no lugar dos pais e das mães, que precisam explicar tudo isso. As pesquisas sobre trauma indicam que, quando uma criança consegue dar um sentido à situação que está vivendo e não se sente sozinha, o prognóstico é melhor. As chances de desenvolver algum tipo de transtorno pós-traumático diminuem (Sabrina Führ lança 'E a Chuva', 2024)

A obra foi disponibilizada em formato de arquivo digital gratuitamente¹ e também em formato de audiolivro, não conta com Número de Identificação de Livro Padronizado Internacionalmente (ISBN) e não foi publicada através de nenhuma editora.

A segunda obra, *Pipo e Lila ajudando as crianças num momento difícil – Quando a chuva passar*², segue a mesma linha. O texto foi escrito pela psicóloga clínica e doutora em ciências da saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Ana Lúcia Castello e pela também psicóloga clínica Fabiana Brandão. Disponibilizado em maio de 2024 em formato digital e gratuito, a ideia das autoras era a de que o livro fosse utilizado em sala de aula, com alunos da educação infantil e do ensino fundamental, para que fossem trabalhadas as emoções dos alunos diante dos acontecimentos que se deram.

“As nossas histórias terapêuticas, elas sempre têm começo, meio e fim. O começo sempre é dentro da situação disfuncional que a criança está vivendo; o meio, a gente vai encontrando formas de resolver as situações; e no final sempre é um final feliz” contou Ana Lúcia em entrevista (Livro ajuda crianças, 2024, n.p.).

Já *Titi, o Pequeno Quati, e a Grande Enchente*, escrito por Jaimeson Machado Garcia, doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), e ilustrado por Isabela Jann de Jesus, graduanda em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi a obra vencedora do XII Concurso ASL de Literatura Infantil Ignez Sofia Vargas, promovido pela Academia Santa-Mariense de Letras. Lançado oficialmente em dezembro de 2024, o livro contou com distribuição gratuita para escolas de Santa Maria e região, integrando ações de

¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wF1XG5mlWV4nxxLAaulmpl260nWPMhgH/view>. Acesso em 13 de jun. de 2025.

² Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/wp-content/uploads/sites/2/2024/05/Quando-a-chuva-passar.pdf>. Acesso em 13 de jun. de 2025.



reconstrução simbólica e pedagógica no contexto pós-enchente. Na narrativa, Titi, um pequeno quati, percebe que as águas do rio começam a subir rapidamente e parte em busca de seus amigos da floresta para alertá-los do perigo iminente. Com coragem e solidariedade, ajuda os demais animais a encontrarem abrigo em um local seguro, onde permanecem protegidos até que a chuva cesse. Ao final, todos se unem para reconstruir os lares destruídos (Pozzobon, 2024).

Caramelo, o cavalo corajoso e os amigos da enchente, por sua vez, foi publicado pela educadora Carmen Regina Teixeira Quadros em 2024, a partir de uma história criada para entreter sua neta de 10 anos antes de dormir. A narrativa tem como base o caso real do cavalo batizado de Caramelo, que ganhou notoriedade nacional e se tornou símbolo de resiliência ao permanecer por quatro dias ilhado sobre um telhado, na cidade de Canoas, localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. O animal foi resgatado por uma equipe de bombeiros e profissionais da área veterinária, e posteriormente adotado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Porto Alegre, onde passou a viver. O livro chegou a ser disponibilizado para venda no site da *Amazon* por um período, mas atualmente não se encontra mais em circulação na plataforma.

Por fim, a última obra encontrada foi *Vicente e a Enchente*, de autoria de Mariana Fim de Campos, que também atua como psicóloga. Assim como outros trabalhos mencionados anteriormente, o livro foi disponibilizado logo após os acontecimentos de maio de 2024, em formato online e gratuito. Posteriormente, foi publicada também uma versão em vídeo com tradução para Libras (Língua Brasileira de Sinais), acessível pelo canal da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no YouTube³. Segundo declarações da autora em publicações realizadas em seu perfil no Instagram, a obra foi concebida como um recurso de apoio emocional, com o intuito de ser utilizado em abrigos e escolas, auxiliando crianças a compreender e processar os eventos traumáticos vivenciados durante as enchentes que afetaram todo o estado do Rio Grande do Sul.

³ UFSCar - Casa Libras. (2024, junho 6). *Vicente e a enchente* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=X_ZnPGJLqEg.



É importante destacar que, embora este levantamento tenha identificado cinco obras com circulação documentada em meios jornalísticos, redes sociais e canais institucionais, é bastante provável que outras produções semelhantes tenham surgido ao longo do mesmo período. No entanto, estabelecer um mapeamento exaustivo dessas publicações é uma tarefa complexa, uma vez que grande parte desse material circulou de forma descentralizada, informal e muitas vezes efêmera. Essa natureza difusa e orgânica da produção literária emergencial, por um lado, dificulta a catalogação sistemática; por outro, revela a potência de uma rede afetiva e criativa que se formou de maneira espontânea, fora das estruturas tradicionais do mercado editorial ou das políticas públicas.

Propostas de Atividades

Considerando as publicações identificadas neste levantamento, esta seção propõe um conjunto de atividades que podem ser realizadas com alunos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com base nas competências e habilidades previstas pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) e nos princípios da biblioterapia, especialmente no método da mediação afetiva da leitura como proposto por Sousa (2021), que a descreve como uma prática de biblioterapia que busca acolher, abraçar e criar encontros humanizadores entre mediador e leitor, mobilizando emoções, memórias e afetos por meio da literatura.

Diferentemente de outras formas de mediação, não se restringe a facilitar o acesso ao texto ou a estimular a compreensão cognitiva, mas privilegia a dimensão afetiva da experiência leitora. Nessa abordagem, o mediador atua como presença sensível, promovendo escuta ativa, diálogo respeitoso e vínculos de confiança. A mediação afetiva, portanto, valoriza tanto a fala quanto o silêncio dos participantes, reconhece as crianças como sujeitos ativos do processo e legitima as emoções evocadas pela leitura, sejam elas de alegria, medo ou tristeza. Ao criar um ambiente humanizador, a literatura passa a funcionar como um dispositivo de cuidado e de reconstrução subjetiva, possibilitando que as crianças em contextos de crise encontrem no texto literário um espaço legítimo para elaborar sentimentos, fortalecer vínculos e ressignificar suas experiências.



Nesse sentido, compreender o alcance desse método torna-se ainda mais relevante quando observamos a recorrência dos eventos climáticos extremos. Mesmo após a tragédia de 2024, o estado do Rio Grande do Sul voltou a enfrentar novos episódios de enchentes em junho de 2025. Embora com menor intensidade, as chuvas novamente provocaram o transbordamento de rios e resultaram na retirada de aproximadamente 7,3 mil famílias em 126 municípios (Agência Brasil, 2025). Além disso, estudos recentes, como o diagnóstico técnico-científico publicado pela *Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA)*, vinculada ao *Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR)*, apontam que eventos extremos como o ocorrido em maio de 2024 tendem a se tornar até cinco vezes mais frequentes, em função das mudanças climáticas e da alteração no regime hidrológico dos rios. Diante desse cenário, torna-se ainda mais urgente incluir no cotidiano escolar propostas que ajudem as crianças a compreender, processar e expressar seus sentimentos diante das catástrofes ambientais. Mais do que atividades pontuais, trata-se de construir uma cultura pedagógica sensível à escuta do sofrimento infantil em contextos de crise climática.

As propostas que apresentamos a seguir foram elaboradas com base nas obras acessíveis e disponíveis para consulta pública. Por essa razão, optamos por não incluir os livros *Caramelo, o cavalo corajoso e os amigos da enchente* e *Titi, o Pequeno Quati, e a grande enchente*. O primeiro não pôde ser consultado por indisponibilidade do exemplar, enquanto o segundo, embora tenha sido distribuído gratuitamente em escolas, não se encontra disponível para *download* nem para aquisição, tendo sido concebido como um projeto não comercial e de circulação restrita.

Nos quadros seguintes (Quadros 2, 3 e 4), apresentamos uma proposta de atividade pedagógica e biblioterapêutica para cada uma das obras analisadas, indicando os anos escolares mais adequados, bem como as competências e habilidades da BNCC que podem ser mobilizadas no desenvolvimento das atividades.

**Quadro 2***Proposta de atividade com E a chuva..., de Sabrina Führ*

E a chuva... de Sabrina Führ	
Ano escolar da atividade	Pré-escola (Educação Infantil)
Competências BNCC	Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil: <ul style="list-style-type: none">● Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.● Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.
Habilidades BNCC	<ul style="list-style-type: none">● (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.● (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.● (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.● (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.● (EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.
Proposta de atividade	1. Leitura compartilhada e conversa <ul style="list-style-type: none">● Reúna as crianças em roda e realize a leitura do livro. Lembre-se de utilizar entonação expressiva e pausas para observar reações e permitir comentários espontâneos.● Após a leitura, proponha uma conversa aberta, acolhedora e sem julgamentos sobre o que sentiram durante a história. Pergunte coisas como: “Você já sentiu algo parecido com o que aconteceu no livro? Que emoções apareceram para você?”.● Deixe que as crianças compartilhem memórias, sentimentos ou até mesmo que fiquem em silêncio, respeitando o tempo de cada uma. Isso é normal e esperado.



(Continuação do quadro 2)

Proposta de atividade	<p>2. Atividade de expressão artística</p> <ul style="list-style-type: none">• Distribua folhas e materiais de desenho e pintura. Peça que cada criança desenhe:<ol style="list-style-type: none">1) uma memória boa que tem de dias de chuva.2) uma emoção que sente ao ouvir a história (pode ser medo, tristeza, alegria, esperança etc.).• Incentive o uso de cores e formas livres, sem se preocupar com o resultado final, valorizando a expressão do sentimento. <p>3. Compartilhamento em grupo</p> <ul style="list-style-type: none">• Convide as crianças, se desejarem, a mostrar e explicar seus desenhos para o grupo, valorizando os relatos e reforçando que todas as emoções são válidas, que é importante conversar sobre elas.• Caso alguma criança não queira compartilhar, respeite sua decisão. <p>4. Dinâmica do “Abraço de Esperança”</p> <ul style="list-style-type: none">• Para finalizar, explique que, assim como no livro, juntos podemos dar e receber carinho e apoio.• Proponha uma roda onde cada criança pode dar um abraço no coleguinha ou fazer um carinho simbólico (um gesto como bater palmas para o colega, falar algo gentil)• Reforce a ideia de união e acolhimento, destacando que é importante ter amigos, que devemos ajudar uns aos outros em momentos difíceis, que pequenos gestos podem fazer uma grande diferença, e que sempre podemos procurar alguém para conversar sobre nossos sentimentos.
-----------------------	--

Fonte: autores.

**Quadro 3**

Proposta de atividade com *Pipo e Lila ajudando as crianças num momento difícil*
– *Quando a chuva passar*, de Ana Lúcia Castello, Fabiana Brandão, Durvally e Bruna Nicoletti.

<i>Pipo e Lila ajudando as crianças num momento difícil – Quando a chuva passar</i> , de Ana Lúcia Castello, Fabiana Brandão, Durvally e Bruna Nicoletti.	
Ano escolar da atividade	1º e 2º anos (Ensino Fundamental)
Competências BNCC	<p>Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental</p> <ul style="list-style-type: none">● Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.● Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.● Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
Habilidades BNCC	<ul style="list-style-type: none">● (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.● (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.● (EF01LP01) Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página.● (EF12LP03) Copiar textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tiver dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação.● (EF02LP01) Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.



(Continuação do quadro 3)

Proposta de atividade	<p>1. Roda de leitura e conversa</p> <ul style="list-style-type: none">● Faça a leitura do livro para a turma, mostrando as ilustrações e incentivando a participação espontânea das crianças.● Após a leitura, promova uma conversa guiada a partir de perguntas "Como vocês se sentem em dias de chuva?", "Vocês já sentiram medo ou alegria durante uma tempestade?", "Quais lembranças a história trouxe para vocês?" <p>2. Atividade de escrita coletiva</p> <ul style="list-style-type: none">● Nessa atividade, cada criança deve contribuir com uma frase ou palavra para montar um diário coletivo sobre "Um dia de chuva que eu vivi".● O professor vai registrando as frases no quadro, destacando a segmentação de palavras, uso de letras maiúsculas e pontuação.● Ao final, as crianças copiam o texto coletivo em seus cadernos, e podem também ilustrar a cena. <p>3. Oficina de respiração e "Abraço da Borboleta"</p> <ul style="list-style-type: none">● Ensine e pratique a técnica de respiração tranquila e o "Abraço da Borboleta", conforme apresentado no livro, realizando a prática coletiva.● Peça para as crianças desenharem como se sentem antes e depois da atividade, promovendo a auto-observação e a expressão artística. <p>4. Produção individual: "Meu Arco-Íris de Emoções"</p> <ul style="list-style-type: none">● Oriente para que cada criança desenhe um arco-íris e escreva, com sua ajuda, palavras ou frases que representem emoções positivas e aprendizados após a "chuva".● Os trabalhos desenvolvidos ao longo da atividade podem ser expostos em um mural coletivo, valorizando a diversidade de sentimentos e a superação.
-----------------------	---

Fonte: autores.

**Quadro 4**

Vicente e a Enchente, de Mariana Fim de Campos.

<i>Vicente e a Enchente</i>, de Mariana Fim de Campos	
Ano escolar da atividade	2º e 3º anos (Ensino Fundamental)
Competências BNCC	<p style="text-align: center;">Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.• Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.• Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
Habilidades BNCC	<ul style="list-style-type: none">• (EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.• (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.• (EF02LP01) Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.• (EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.• (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.• (EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.• (EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e



verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.

1. Leitura mediada e roda de conversa/acolhimento

- Comece realizando a leitura compartilhada do livro "Vicente e a Enchente", com pausas para observar as ilustrações e validar reações espontâneas.
- Após a leitura, faça perguntas abertas e não invasivas como: "O que o Vicente sentiu? Alguém já se sentiu assim?", "O que são 'emoções difíceis' pra vocês?".

2. Atividade "Mochila das Memórias"

- Distribua para todos os alunos a folha de atividades do livro (p. 15) e peça para que as crianças preencham a mochila com:
 - Palavras: escrevam objetos, pessoas ou sentimentos que as fazem sentir segurança (ex: "família", "abraço").
 - Desenhos: ilustrem uma memória positiva de dias de chuva.
- Para essa atividade, os alunos podem fazer uso de materiais diversificados como lápis de cor e colagem de papéis coloridos, entre outros.
- As mochilas pintadas e preenchidas com palavras e desenhos podem ser expostas em um mural coletivo.

Proposta de
atividade

3. Oficina de respiração e "Abraço da Borboleta"

- Para finalizar, faça uma atividade de respiração profunda para acalmar a turma e promover regulação emocional.
- Pergunte como as crianças estão se sentindo e verifique se houve uma mudança nos sentimentos em relação à chuva, a partir do que foi lido, ou mesmo se existe algum aluno que necessita ainda de uma atenção especial.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE EXTRA

Construção Coletiva: "Árvore da Esperança"

- Apresente à turma um painel com um tronco desenhado e proponha uma atividade coletiva.
- Peça para que cada criança coloque uma folha com uma palavra ou frase de esperança (ex: "*Depois da chuva vem o sol*").
- Também podem ser incluídas nas folhas, ilustrações de espaços que eles desejam reconstruir (ex: parque, escola).
- Ao final da atividade, conduza uma conversa sobre apoio mútuo e solidariedade, inspirada nos novos amigos de Vicente.

Fonte: autores.



Diante das propostas apresentadas anteriormente, é fundamental considerar algumas recomendações pedagógicas e éticas no que se refere à condução das atividades de leitura com enfoque biblioterapêutico. A mediação de obras literárias que abordam temas sensíveis, como catástrofes ambientais e suas consequências emocionais, exige do educador ou mediador uma postura de escuta atenta, respeito integral à subjetividade infantil e preparo para acolher reações diversas.

Em primeiro lugar, o adulto deve sempre atuar como mediador, e não como condutor ou intérprete exclusivo da experiência. Isso significa criar um ambiente de confiança, onde a criança se sinta segura para compartilhar ou não compartilhar suas emoções. É imprescindível evitar qualquer forma de correção, julgamento ou condução forçada do relato. Cada criança possui um tempo próprio de elaboração simbólica, e nem todas conseguem ou desejam expressar-se verbalmente logo após a leitura. Quando isso ocorrer, o papel do mediador deve ser o de oferecer, com delicadeza, outras possibilidades de expressão — como o desenho, o jogo simbólico, a dramatização ou a escrita, no caso de crianças já alfabetizadas.

É essencial reconhecer o silêncio como uma forma legítima de resposta. O silêncio pode significar recusa, contenção, elaboração interna ou simplesmente a ausência de palavras para nomear o que ainda está em processo. Forçar o relato, mesmo que de forma bem intencionada, pode produzir novos traumas ou bloquear processos subjetivos em curso. Como aponta Caldin (2024), o mediador deve estar atento à linguagem não verbal e disposto a acolher as emoções sem necessidade de tradução imediata.

Além disso, caso durante as atividades surjam manifestações emocionais intensas, relatos de sofrimento ou sinais de que a criança precisa de apoio adicional, é responsabilidade do professor ou mediador garantir o acolhimento inicial e, se necessário, encaminhar a criança para acompanhamento especializado, como serviços de psicologia escolar ou apoio psicossocial. A literatura, nesse contexto, não substitui o cuidado clínico, mas pode atuar como acesso para que a criança reconheça suas emoções e se sinta autorizada a partilhar o que sente.

Por fim, é importante lembrar que o trabalho biblioterapêutico, especialmente em contextos pós-traumáticos, não visa "ensinar uma lição" ou promover superações forçadas, mas



sim criar um espaço simbólico seguro onde a escuta, a empatia e o vínculo possam emergir com autenticidade. Ao reconhecer a potência da leitura compartilhada como ato de cuidado, a escola amplia sua função social e afetiva, tornando-se também lugar de reconstrução emocional e comunitária.

Palavras Finais

As propostas apresentadas neste artigo não pretendem esgotar as possibilidades de uso da biblioterapia em contextos escolares, tampouco oferecer uma receita pedagógica a ser seguida mecanicamente. Ao contrário, elas buscam abrir caminhos, sejam eles simbólicos, afetivos e metodológicos, para que educadores, mediadores de leitura e demais profissionais da educação reconheçam a potência da literatura como ferramenta de cuidado e reconstrução subjetiva, especialmente em tempos de crise.

Diante de um cenário de crescente instabilidade climática e de repetição de eventos extremos, como as enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul em 2024 e que se delinea em 2025, torna-se urgente integrar ao cotidiano escolar práticas que reconheçam o sofrimento infantil, validem as emoções das crianças e ofereçam espaços seguros de escuta, expressão e elaboração simbólica. A biblioterapia, nesse sentido, surge como uma prática que articula afeto e linguagem, pedagogia e cuidado, criando pontes entre o vivido e o narrado, entre o trauma e a possibilidade de ressignificação.

Ao propor atividades baseadas em livros emergenciais produzidos por profissionais comprometidos com o bem-estar da infância, este estudo reafirma a escola como um território não apenas de aprendizagem cognitiva, mas também de reconstrução afetiva e comunitária. Espera-se que essas propostas possam ser adaptadas, recriadas e ampliadas por educadores em diferentes contextos, tornando a leitura uma aliada constante na tarefa de humanizar o cotidiano escolar e sustentar, com palavras, aquilo que as crianças ainda não conseguem dizer, mas já sentem, sofrem e carregam.

Referências Bibliográficas



- Agência Brasil. (2025, junho 5). *Quase 7 mil pessoas deixaram suas casas no RS por causa das chuvas*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-06/quase-7-mil-pessoas-deixaram-suas-casas-no-rs-por-causa-das-chuvas>
- Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. (2025). *As enchentes no Rio Grande do Sul: Lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente* [Relatório técnico-científico]. Observatório da Crise Climática (UFSM). <https://www.ufsm.br/projetos/institucional/observatorio-crise/2025/05/05/estudo-da-ana-aponta-a-comunicacao-de-risco-como-uma-das-fragilidades-no-contexto-do-desastre-climatico-no-rs-em-2024>
- Aguiar, N. C. de, & Oliveira, M. C. (2022). Sustentabilidade ambiental e informacional em bibliotecas públicas: Práticas desenvolvidas na cidade de Poço Verde, Sergipe. *Anais do 29º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, 1(1). <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2646>
- Brasil. Ministério da Educação. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. MEC. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Caldin, C. F. (2001). A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 6(12), 32–44. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>
- Caldin, C. F. (2009). *Leitura e terapia* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>
- Caldin, C. F. (2024). *Biblioterapia: Um cuidado com o ser* (2ª ed.). Ed. da Autora.
- Cardoso, N. B. (2010). A contribuição do bibliotecário para a educação ambiental. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 15(2), 189–202. <https://www.scielo.br/j/pci/a/tPjrLNkqScqSfQkNd6tzjRD>
- Dal Pia, R. Z., & Pereira, G. (2023). Biblioterapia de desenvolvimento como recurso humanizador na biblioteca escolar. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 28(4), 1–20. <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1927>



- Defesa Civil do Estado do Rio Grande do Sul. (2025, agosto 19). *Situação nos municípios: Balanço das enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul*. SOS Enchentes RS. <https://sosenchentes.rs.gov.br/situacao-nos-municipios>
- Ferreira, D. T. (2003). Biblioterapia: Uma prática para o desenvolvimento pessoal. *ETD - Educação Temática Digital*, 4(2), 35–47. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>
- Fuhr, S. (2024, maio 25). Sabrina Führ lança *E a Chuva*, dedicado a todos gauchinhos. *Diário PCD*. <https://diariopcd.com.br/2024/05/25/sabrina-fuhr-lanca-e-a-chuva-dedicado-a-todos-gauchinhos>
- Instituto Claro. (2024). Livro ajuda crianças a lidarem com traumas causados pelas enchentes no RS [Podcast]. *Instituto Claro*. <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/livro-ajuda-criancas-a-lidarem-com-traumas-causados-pelas-enchentes-no-rs>
- Lima, N. M. F. de. (2022). Rotina, crianças e educação: Desenvolvimento das crianças a partir das rotinas aplicadas na educação básica. In *Integrando saberes & fazeres na educação básica* (Cap. 9, pp. 131–136). Editora Científica Digital. <https://doi.org/10.37885/220809664>
- Loganovsky, K. N., & Loganovskaya, T. K. (2019). Responses to children’s mental health needs following the Chernobyl disaster. In C. W. Hoven, L. V. Amsel, & S. Tyano (Eds.), *An international perspective on disasters and children's mental health* (pp. 191–218). Springer Nature Switzerland AG. https://doi.org/10.1007/978-3-030-15872-9_10
- Moisés, M. (1995). *Dicionário de termos literários* (7ª ed.). Cultrix.
- Ouaknin, M.-A. (1996). *Biblioterapia* (N. N. Campanário, Trad.). Loyola.
- Petit, M. (2009a). *A arte de ler* (A. Bueno & C. Boldrini, Trads.). Editora 34.
- Petit, M. (2009b). *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva* (C. O. de Souza, Trad.). Editora 34.
- Pozzobon, L. (2024, julho 16). Conheça os vencedores do XII Concurso ASL de Literatura Infantil Ignez Sofia Vargas: ‘Titi, o pequeno quati, e a grande enchente’. *AllPopStuff*. <https://www.allpopstuff.com/2024/07/conheca-os-vencedores-do-xii-concurso.html>



- Ribeiro, G. (2006). Biblioterapia: Uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 3(2), 112–126. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2048>
- Sousa, C. (2021). *Biblioterapia & mediação afetuosa da literatura*. Ed. da Autora.
- Valencia, M. C. P., & Magalhães, M. C. (2015). Biblioterapia: Síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, 29(1), 65–78. <https://cip.brapci.inf.br/download/23197>